

PATRIMÓNIO & CULTURA (III)

Maçonaria e Estado Novo em Santarém

- uma hipótese de interpretação

1. No momento em que se procede à divulgação do *Arranjo Urbanístico* do Largo Padre Francisco Nunes da Silva - apresentado pelo Gabinete de Planeamento Municipal, no âmbito do *Plano de Salvaguarda e Valorização do Centro Histórico de Santarém* - importa fundamentar numa perspectiva histórica as intervenções sugeridas. Trata-se, pois, de trazer para o terreno da memória colectiva as bases em que há-se assentar a proposta urbanística de salvaguarda, recuperação e valorização deste espaço público.

Impõe-se esclarecer, no entanto, o carácter exclusivamente histórico da nossa abordagem. Quer isto significar, que as diferentes variáveis envolvidas nas opções finais do *Plano* - arquitectónicas, ambientais, ocupação de espaços, trânsito e parqueamento rodoviários - de igual modo determinaram a leitura global e interdisciplinar assumida pelo GPM.

O recurso à contribuição do historiador partiu de uma evidência incontornável: o Largo Padre Francisco Nunes da Silva encontra-se, ainda hoje, investido de uma magia e de um simbolismo estreitamente ligados a uma das componentes dos movimentos sociais dos últimos cem anos - o associativismo operário. Interessaria, por isso, desvendar os verdadeiros designios que informaram e deram vida aos sinais arquitectónicos (visíveis ou ocultos) ali implantados por alguns dos seus mais lúcidos actores.

2. O largo Padre Francisco Nunes da Silva (antigo logradouro público) foi, até aos primeiros anos do nosso século, ocupado pela Igreja do Salvador, altura em que um violento terramoto a destruiu.

A actual organização do espaço - feita a partir de dois elementos significantes: o busto do Padre Chiquito e a sede da Sociedade Recreativa Operária - remonta ao ano de 1919. No cinquentenário da morte do grande amigo do operariado, do "verdadeiro cristão e socialista sublime" (como a imprensa o qualificou), um grupo de dirigentes e sócios da Associação Fraternidade Operária inaugurou, com pompa e circunstância, o monumento ao Prior de S. Julião do Pereiro. Obra do escultor Rodrigo de Castro e do canteiro Eusebio F. Júnior, foi colocado no centro geométrico do terreiro, em posição fronteiriça à sede da Associação.

O busto encima o capitel de uma coluna que se estende em quatro lanços até à base, tendo o último lanço quatro prolongamentos lanceolados, o projecto original, conforme fotografia da época, fazia rodear o círculo de empedrado com oito pequenas colunas (semelhantes à coluna central) ligadas entre si com correntes de ferro.

Contudo, fotografias dos anos quarenta, documentando o desaparecimento das colunetas, induzem-nos à interrogação - quando e por que razão terão sido retiradas?

3. É conhecida a tradicional implantação do ideário maçónico e anti-clerical em Santarém. Bastaria para tanto invocar a filiação maçónica de personalidades (de algum modo ligadas à história scalabitaniana) como Bernardo de Sá Nogueira, Passos Manuel, Almeida Garrett e António de Oliveira Marreca. De facto, a primeira loja denominada *Filantropia*, e relacionada com os círculos militares, "erigiu colunas" (isto é, começou a funcionar) em 1814, no seio do Grande Oriente Lusitano. Três anos depois,



Direcção e mais alguns elementos que auxiliaram a concretizar a inauguração deste monumento ao Padre Francisco Nunes da Silva.

a grande perseguição às associações secretas ordenada pelo general inglês Beresford, com pretexto na conspiração de Gomes Freire de Andrade, levou a loja a "abater colunas" (quer dizer, a dissolver-se). Depois desta data, só muito mais tarde, em 1853, surgiria em Santarém nova loja, a *Scalabitaniana*, integrado no Grande Oriente de Portugal. Porém, não duraria muito tempo, já que, logo em 1855, "abateu colunas".

A partir da década de setenta, o associativismo operário emerge em Portugal como força organizativa autónoma, defendendo princípios socialistas e anarquistas. Porém, alguns dos seus mais esclarecidos líderes são igualmente membros influentes da Maçonaria. Estão neste caso, por exemplo, João Bonança, Silveira da Motta, Nobre França, Antero de Quental e José Fontana. Este último, antigo relojoeiro suíço, ajuda a fundar, em 1872, a Associação Fraternidade Operária (onde ocupa o cargo de 1.º Secretário) e, em 1875, o Partido Socialista Português. Com a crescente influência do movimento republicano, sobretudo nos maiores centros urbanos, assiste-se à deserção de quadros dirigentes das organizações operária para o poderoso e influente Partido Republicano Português e para a Carbonária. Igual percurso fazem algumas reconhecidas figuras da Maçonaria as quais estão, indiscutivelmente, na génese e cimentação de associações de massas, de cariz catidino e laicizante. Como prova do estreitamento de relações entre o carbonarismo, republicanismo e maçonismo, recorde-se a eleição de Sebastião de Magalhães Lima, republicano e carbonário, para Grão-Mestre da maçonaria, em 1907.

Em Santarém, acompanhado esta tendência, os jornais noticiavam com relevo os casamentos civis e chegavam a publicar reuniões de inspiração maçónica, de que é exemplo o comício anti-jesuíta de Julho de 1885, em que esteve presente Magalhães Lima.

Será neste contexto que se integrará a instalação, em 1904, loja *Liberdade*

III, nº. 247, subordinada inicialmente ao Rito Francês e, posteriormente, ao Rito Escocês Antigo e Aceite. Por esta época estava já em curso, na nossa cidade, o processo de recuperação da imagem socializante do Padre Francisco Nunes da Silva. Um dos argumentos utilizados veicula, a nosso ver, princípios maçónicos já que é largamente acentuado o carácter filantrópico das disposições do Testamento, em contraste com a insensibilidade social dos demais clérigos que são, por essa razão, vivamente censurados.

A instrução e a beneficência eram, importa sublinhá-lo, lemas discursivos caros aos maçons. Daí a proliferação em todo o País - durante os últimos anos de monarquia e já na vigência da república democrática - de associações que actuavam nos terrenos cultural e social. Entre nós, decorria a fundação da *Associação de classes Reunidas, Instrutiva e Beneficadora, Francisco Nunes da Silva*, instalada em 1902 na Travessa das Burriadeiras, actual Travessa da Hera (à Rua Serpa Pinto). Não há de estranhar, por estas razões, o prudente distanciamento do jornal jesuíta *A União* (1908-1910) face à entronização do "patrono dos operários de Santarém".

Sendo certo que a loja *Liberdade III* "abateu colunas" em 1913, não terá terminado, só por isso, a influência de alguns elemento maçons na disseminação de ideias acarinadas por aquela organização secreta. Documento irrefutável parece ser a criação, em 1915, da *Associação Fraternidade Operária (AFO)*. Não se afigura fruto do acaso o que os seus dirigentes tenham adoptado designação tão ao gosto da terminologia maçónica (por analogia com a associação lisboeta de José Fontana), como não é indiferente que o estandarte ostente o esquadro e o compasso - simbologia com forte ressonância maçónica. A AFO fixou-se no histórico Palácio Landal, fronteiro ao Largo Passos Manuel (antigo Grão-Mestre da Maçonaria) e traçou como objectivo prioritário a construção do monumento ao Padre

Chiquito. Retomava-se, deste modo, a tradição operária scalabitaniana cujas intenções hagiológicas para com o filho de sapateiro de Alfange remontavam a 1898. Providencialmente, a inauguração do busto presidida por um antigo operário e dirigente do Partido Socialista, o então Ministro do Trabalho, Augusto Dias da Silva.

É sintomático - na linha do que vimos defendendo - que a AFO, a partir de 1923, se passe a intitular *Grémio Recreativo Operário*. Ora, ensinamos o Dicionário de maçonaria que o termo Grémio é atribuído a qualquer loja maçónica para efeitos de contacto com o mundo profano. De resto, sabe-se que, nos círculos da província, muitas associações agiam como disfarce das actividades maçónicas ou carbonárias.

4. O movimento militar de 28 de Maio de 1926 (produto de confusa amalgama de interesses), pondo cobro à experiência democrática, iniciava um longo e duro período de refluxo para a Maçonaria. Na realidade, não obstante a conhecida ligação de alguns notáveis do novo regime àquela organização, a Câmara Corporativa emitiu em 1935 um parecer que sustentava a proibição de qualquer tipo de associação secreta. Argumentava-se que a Maçonaria Portuguesa (MP): a) Pretendia substituir a civilização cristã, pela civilização maçónica; b) Aspirava à dominação do Estado; c) Tinha uma organização exagerada e perigosamente internacionalista. Concluía-se, portanto, que as sociedades secretas, e de modo especial a MP, eram incompatíveis com os princípios do Estado Novo.

Com base neste parecer, o Decreto-Lei nº. 1 901, de 21 de Maio de 1935, obrigou a MP a um longo prazo de clandestinidade. A sede, ao Bairro Alto, foi assaltada e saqueada por sequeiros do Regime, parte da Biblioteca apreendida, e finalmente encerrada, por força da Portaria de 21 de Março de 1937. Por todo o País muitas lojas "abateram colunas" e associações públicas obrigadas a retirar o nome

do Grémio. Foi o caso, entre outros, do Grémio Popular, lisboeta, e do Grémio Recreativo Operário, em Santarém, que se passou a designar *Sociedade Recreativa Operária*.

5. Estamos em crer que o quadro esboçado permite comprovar, com alguma consistência, a hipótese sugerida: a relevante participação do ideário maçónico na vida política e social scalabitaniana (da segunda metade do século XIX, ao fim da 1.ª República). Não se trata aqui - é ocioso frisá-lo - de emitir despropósitos juízos de valor sobre a justeza ou bondade dos princípios que animam e dos fins a que se propõe a organização franco-maçónica. Tais intuítos não fazem parte da "gramática" do historiador isento e objectivo. Seria todavia gravoso que um segmento da vida social scalabitaniana não fosse - na exacta proporção da sua real influência na vida colectiva - devidamente respeitado. E o Largo Padre Francisco Nunes da Silva é, justamente, o território urbano onde confluem as marcas do simbolismo maçónico e operário.

É neste entendimento que arriscamos uma interpretação possível para o estranho desaparecimento das colunetas que rodeavam o monumento em 1919. No léxico estético da maçonaria, uma coluna representa simbolicamente um sustentável ou força: por isso, cada "obreiro" de uma loja é, também, uma sua coluna ou força. A esta luz, as colunas não ocupariam um lugar meramente decorativo na economia iconográfica da escultura. Reforçariam, pelo contrário, a apropriação maçónica da figura e da obra do Padre Francisco Nunes da Silva, delimitando as fronteiras entre o espaço sagrado (o lugar do busto) e o espaço profano (o terreiro público envolvente). Exposto aos olhares dos não-iniciados - prolongamento orgânico da Associação Fraternidade Operária (depois Grémio Recreativo Operário) - o monumento exibiu uma exemplaridade espiritual e social, baseada em princípios supostamente inspirados nos ideais maçónicos: a fraternidade, a tolerância e a solidariedade.

Não custa acreditar - pelo que fica dito - no "abater de colunas" ordenado pelo Estado Novo. Simbologia esotérica, mas suficientemente explícita aos olhos dos epígonos do novo regime, o "erigir das colunas" em torno de um Padre "diferente" tornara-se insustentável com o corporativismo dominante. Até porque o Prior de S. Julião aparecia tradicionalmente associado a ideologias geradoras de conflitualidade social: o liberalismo, o socialismo, o republicanismo e o maçonismo.

A corresponder à verdade dos factos, estaríamos confrontados, no caso vertente, com uma curiosa circunstância - o duplo "abater de colunas": dissoluções pelos aparelhos censórios e demolidas pelo camarelho.

João Carlos Brigola

Nota: Este texto serviu, em 1990, ao tratamento pluridisciplinar que o GPH quis transmitir ao projecto de arranjo urbanístico, recentemente eleito. Como se desprenderá da leitura, o autor assume que a base documental em que assentou a investigação não permite mais do que a intuição de uma probabilidade: o derube das colunas, agora repostas, ter sido um deliberado gesto anti-maçónico. Uma investigação mais aturada na memória dos velhos habitantes, na imprensa ou no arquivo camarário poderá, afinal, revelar motivo bem mais tangível e prosaico...